

A INQUISIÇÃO E O PROBLEMA DA ALTERIDADE: UMA ABORDAGEM DA ANTROPOLOGIA PROFUNDA (*)

José Carlos de Paula Carvalho

Ao Conde Dolouve

“Há muita verdade no velho ditado: “quem quer afogar seu cão, diz que está com raiva”. Em “Caste and class in a southern town”, John Dollard demonstra que o Branco justifica a opressão do Negro fabricando, primeiramente, um estereótipo e, a seguir, lançando mão de todos os meios, obriga o Negro a se conformar ao estereótipo do Negro. Idêntica política prevaleceu em Esparta com relação aos hilotas. Nada mais fácil que induzir os oprimidos a adotarem o vil comportamento que deles se exige: basta recusar-lhes o acesso — e o uso — aos mecanismos de defesa de que dispõe o grupo socialmente favorecido.”

(George Devereux)

Aqui apresentaremos um conjunto de proposições, e potências articulações, como *subsídios para reflexão e derivas*.

1. Consideramos que, como nos mostrou a etnopsicanálise complementarista de Devereux, (1) o “procedimento er-

(*) Texto apresentado no 1.º Congresso Internacional sobre Inquisição — 1987, Lisboa — São Paulo, Universidade de São Paulo.

gódico" das matemáticas pode não só ser metodologicamente utilizado no domínio das ciências da cultura mas, sobretudo, no caso específico da problemática inquisitorial, a que aqui visamos, possibilitará a ampliação da noção de "outillage mental" (2) da Inquisição no sentido de "schéma conceptuel" ou "mental" (3) da Inquisição, por onde a "história das mentalidades" poderia se encaminhar rumo a uma "antropologia histórica", segundo as incitações de Le Goff, (4) e mesmo rumo a uma "antropologia profunda". (5)

As mesmas incitações de Le Goff seriam desenvolvidas, no caso da Inquisição como parâmetro de um dos tipos de marginalidade e processo de marginalização, (6) ao assumirmos uma abordagem "dinâmica" da marginalização onde a tônica recairia nos "processos mais do que nos estados" definidores, na profunda compreensão da persistência de um "olhar da sociedade sobre os marginais" cristalizando-se nas "figuras míticas" (7) da marginalização e inquisitorial.

Deveríamos, para tanto, evidenciar o "esquema mental" do esquadramento inquisitorial. Teríamos, assim, um duplo sentido do referido "schéma conceptuel": "schéma conceptuel" da Inquisição e "schéma conceptuel" de Inquisição, o primeiro deles referindo-se ao "esquema mental" (e "outillage mental") da Inquisição, sua "praxeologia"; o segundo termo corresponderia ao crítico olhar retrospectivo que elabora os quadros pístico-epistêmicos de onde fala uma Inquisição que, como tal, se ignora ou se dissimula através de um "discurso competente"; (8) aqui teríamos, em suma, com a questão paradigmática, a elaboração do construto "Inquisição" que, por sob rostos diferentes, se repete nas outras inquisições históricas do Outro e nas constituições das margens e dos estigmas. (9) Assim, a problemática da respectiva abordagem da Inquisição é solidária, uma de suas "exemplificações" no sentido husserliano, (10) da problemática posta, no domínio da antropologia cultural, pela questão da diversidade e da unidade e pela correlata questão de uma investigação conduzida em frente dupla de modo tal que a pluralidade historiográfica, como a etnologia das "variações", não funcionem como "obstáculo epistemológico" (no sentido bachelardiano) à elaboração de um pensamento das estruturas unificantes da pluralidade das práticas sócio-culturais. É o que mostramos, (11) no esteio de algumas sugestões de Sperber, (12) assim como de Róheim (13) e Deveureux, (14) entre outros.

2. Pensar o "schéma conceptuel" da Inquisição é evidenciá-la, em profundidade, como "praxeologia", (15), o que significa:

a) conceber a praxeologia como "lógica da ação" dentro de uma teoria formal do comportamento racional que dispõe meios e fins visando à eficácia ótima da ação; entretanto, como observa Godelier, (16) a lógica da ação secreta um halo de irracionalidade conectado ao indispensável enfoque do pretensamente específico e parcelar sob a forma de "fenômenos sociais totais"; (17) por onde, também, a lógica da ação inquisitorial encontra os limites de um rendimento eficaz incontestado e a longo prazo, pois, após certo limiar de discurso e ação persuasivos, depara-se com a monotonia dos procedimentos obsessivos e irracionais, podendo-se chegar mesmo ao que Monnerot chamou de "heterotelia" (18)... Os textos de C. Ginzburg, (19) sobretudo nos alentados relatos processuais, exatamente evidencia o que então reaparece nas entrelinhas do limiar cruzado: o cansaço e a desrazão dos procedimentos burocrático-inquisitoriais, ainda que cheguem às crueldades, e a progressiva configuração — e esse é o valor de uma leitura interna dessa abstrusa praxeologia — do estereótipo imposto e da velada "resistência" cosmovisiva emergente. Talvez escape a ambos, inquisidores e sujeitados, o rosto do real adversário por sob o do Adversário: o outro paradigma do/e o Outro (cultura camponesa e paganismo dos "benandanti", hermetismo de G. Bruno etc.);

b) evidenciar que essa lógica da ação, na disposição "racional e eficaz" meios-fins (apesar dos fundamentos písticos e, pois, a-rationais, todo o alicerce da lógica tomista-aristotélica serve ao "colonialismo cognitivo" (20) da/pela cristandade ocidental via Inquisição) utiliza, como articulador, o "outillage mental", que assim é o arsenal das mediações simbólicas cujo ideário e imaginário definem a "paisagem mental" (21) na exata medida em que dotada de real função actancial, tão bem definida por Godelier como a "parte ideal do real"; (22) o "outillage mental" inquisitorial é imantado pela "heresia" e pela "demonoma-

quia" — em vários níveis de veracidade de atitude (da convicção pística à manipulação ideológica pura) e de outros temas legitimadores da lógica da ação inquisitorial, todos polarizados, entretanto, pela instauração de uma pedagogia do medo... do Outro, que libera as pulsões de agressividade inquisitorial: desde a simbólica do "bode expiatório" (23) à purificação coletiva pelos autos-da-fé, o Outro é exercizado, é "tratada" a alteridade/a diferença como ameaça da Sombra Coletiva —;

- c) analisar, na lógica da ação, os aspectos e níveis que articula: a elaborada construção de Verón (24) mostra que essa teoria actancial do comportamento racional sócio-cultural eficaz e indeterminado articula "estruturas de superfície" (modelos generativos da comunicação social) e "estruturas profundas" (modelos generativos da significação ideológica), num percurso que se estende das formas de manifestação às condições de produção, como "textos" ("discursos sociais"), "ação" ("sistemas de ação como mensagens comportamentais") e "objetos" ("organização do espaço social"); na análise profunda da lógica da ação inquisitorial deveremos realizar esse percurso onde o "outillage mental" é agenciado como "cultura organizacional" e, como propõe Le Goff, captar os "processos", ou as "matrizes e o magma social da significância" (Castoriadis), que exatamente são as "estruturas profundas", ao passo que os aspectos vislumbrados como "estruturas de superfície" caem como "projetos, planos e instituições" (exatamente como Bastide propõe tratar as praxeologias); (25) já as "estruturas profundas", que giram em torno da dinâmica dos rostos do Outro, seriam captadas por meio da elaboração da "estrutura antropológica do imaginário" (26) inquisitorial e das "personalidades modais" (27) do universo inquisitorial;
- d) mostrar que, segundo a antropologia do Imaginário de Gilbert Durand, o imaginário inquisitorial apresenta-se como uma "estrutura antropológica esquizomorfa" onde o "schème" verbal — o functor entre ideário/imagens/ação — é dado por "distinguir" (separar

confundir, subir cair) e os "arquétipos-epítetos" por puro impuro, claro sombrio, alto baixo; um minucioso exame da simbólica inquisitorial pode ser feito desde a tábua de "classificação isotópica das imagens" (28) (arquétipos substantivos, símbolos, imagens, gestos e sintemas): a esquizomorfia de um tal imaginário poderia, ainda, ser aprofundada pelas noções de "imaginário da segurança", (29) "posição esquizo-paranóide/imaginário ideológico/mentalidade de sutura"; (30) após a realização analítica da etapa "arquétipológica" de explicitação do imaginário inquisitorial, as etapas "mitocrítica" e "mitanalítica" desvendariam as "metáforas obsessivas e o mito pessoal" (31) do grupo inquisitorial, assim como o "mito coletivo", que provém da profunda exploração da dinâmica sócio-psíquica da demonomaquia... e do medo do Outro;

- e) mostrar que, aplicando-se as linhas de análise da etnopsicanálise complementarista e da etnopsiquiatria metacultural de Devereux, o "outillage mental" da Inquisição é uma "montagem" (32) de estereótipos cuja construção sócio-psíquica relaciona, de modo "patológico", os "eixos de orientação do comportamento/ a normatização/ a recusa de acesso, aos oprimidos, dos mecanismos de defesa sócio-culturais/ a indução e a coerção ao comportamento regido pelos "modelos de má-conduta" (Linton) ou de "anomia" (Duvignaud, Bourdin)/ a fabricação da marginalidade; (33) a construção do "modelo duplo de personalidade modal" (34) inquisitorial permitiria evidenciar a profunda fabricação do estereótipo da "anormalidade" (heresias e outras faces) imputado aos "inquisitados", ao passo que, como o Diabo está dentro da própria Inquisição como "esquema mental" ("dia-bolos" e esquizomorfia), também "patológico" e "insano" é o profundo comportamento da praxeologia inquisitorial como grupo-Inquisição.

Conclusivamente sobre o "schéma" da Inquisição: sua desconstrução/construção, em profundidade, sempre evidenciará, a despeito das "variações temáticas" e "modulações", como cerne da questão, o trato da diferença e da alteridade, seja na patente dinâmica

da exclusão, seja na latente dinâmica da irônica “enan-tiodromia” (35) (a reversão das oposições): assim figurado, o “esquema mental” da Inquisição e seu “tra-jeto antropológico” (36) permitirão vislumbrar o “d a-bolos” como processo mēntal e Presença no âmago do próprio “schéma conceptuel” da e de Inquisição.

3. Pensar o “schéma conceptuel” de Inquisição é elaborar a questão(pístico) paradigmática subjacente à Inquisição como praxeologia e às “inquisições”, o que significa:

- a) destacar que a antropologia do Imaginário demonstra como a “saturação de um regime de imagens”, un-dimENSIONALIZADO e obsessivo, prepara a irônica inver-são/reversão do pólo oposto, (37) exatamente do ou-tro imaginário excluído (na realidade, potencializado), por onde o Outro, que foi separado/excluído/est.gma-tizado (e toda época vive, para Durand como para Bastide, (38), no mínimo um mito duplo) e “objeti-vado” continua, entretentes, a habitar como latência a praxeologia que o institui como “fora”, acabando por retornar não só “fora”, mas “dentro” (39) do pró-prio “esquema mental” que o construiu como Outro: ele é sempre o Mesmo, diz Desroches (diríamos com Jung, a Sombra do Mesmo)... “O Diabo toma água benta”, diz nossa sabedoria popular...;
- b) destacar que a etnopsiquiatria metacultural permite demonstrar como o universo inquisitorial se constrói à base de “escotomizações” e como, pois, um trabalho de leitura sobre as fantasmatações inquisitoriais (40) evidenciaria tanto as projeções em figuras míticas ex-teriormente perenes e reificadas, assim como a ansie-dade persecutória como profundas “forclusões” (La-can) que, é, de se repetir, tornam “insano” ao grupo-Inquisição e “doente” à sociedade como um todo, ao passo que a normalidade e a saúde estão, parado-xalmente, no Outro...;
- c) lembrar que um trabalho nosso anterior, (41) sobre a profunda dinâmica sócio-psico-cultural e histórico-orga-nizacional da dissidência religiosa, (42) realizando um balanço crítico sobre o campo sêmico da distinção

ortodoxia/heresia (Bauer, Turner) e ampliando as conclusões de G. DUBY ao Simpósio "Heresias e Sociedade", (43), para o trato da diferença e da alteridade em geral, e das dissidências em particular, pudera chegar a algumas conclusões de interesse tanto para o "schéma" da Inquisição como para o "schéma" de Inquisição (melhor aqui: inquisição ou inquisições):

1. que o feliz deslizamento, realizado por DUBY, de heresia para "heterodoxia" é assaz proffcuo, possibilitando captar, se realizamos mais um deslocamento em profundidade, a heterodoxia como verdadeira "heterótese" (uma profunda sugestão na filosofia da história de Rickert, esquecida pelos reducionistas e dicotômicos positivismos da historicidade, mas lembrando na energética junguiana) (44) e, assim, atender à profunda lei da enantiodromia, ou enantiomorfia, em seus múltiplos aspectos, de cujo desconhecimento surgiram tantas perseguições sangrentas, tantas "inquisições" ditadas pelo "schème conceptuel" de Inquisição (inquisição);
2. que o universo da Inquisição e da(s) inquisiç(ões) é regido por um esquema mental-actancial dicotômico, por uma lógica da binariedade que remonta não só ao aristotelismo mas é decisivamente encorpada pelo universo mental dualista amplamente rastreado por S. De Pétrement (45) e que, por fim, e estranhamente — mas nem tanto, se lembrarmos a contemporaneidade, evidenciada por Ginzburg, das execuções de G. Bruno e do moleiro Menocchio, e suas implicações, assim como a "antihistória da antifilosofia" evidenciada por G. Durand), (46) converge com a elaboração do paradigma "clássico" da ciência ("simplificador/disjuntor/excludente", diz Morin) (47) e com a correlata ação inquisitorial da ciência clássica (hoje veementemente denunciada pelo paradigma holonômico) (48) a perseguir, inicialmente, o "ocultismo", na realidade, o "ocultado" paradigmaticamente... Eis por que o universo da Inquisição,

como esquema mental-actancial, prolonga-se no "colonialismo cognitivo" (49) (De Martino), como antes fora "colonialismo fideísta" e, no que chamamos de "etno-logos-centrismo", (50) que antes fora "etno-pistiscentrismo";

3. que a profunda compreensão desse esquema mental-actancial persistente, para não continuar, sob outras faces — vejam-se as "religiões políticas", (51) —, a se prolongar impunemente em torturas sobre outros hereges, hereges-Outro; tal compreensão deveria levar a comutação no sentido de se conceber, e tratar o Outro como "heterótese" e não como "antítese", por onde se acolheriam, dialética e dialogicamente, o pluralismo da diferença e da alteridade num esquema de polarizações, profundas e produtivas.

Porque a lição que fica, em profunda e real realidade, do "schéma", do "schème" e do "outillage mental" da Inquisição, é a persistência de sua "paisagem mental" em "pseudomorfose" (Spengler) entre nós, e mais, dentro de nós. A profunda realidade da praxeologia da Inquisição era que o próprio "dia-bolos" a conduzia: o próprio Anti-Cristo guiava a Grande Prostituta, que era a instituição eclesial do cristianismo romano, enquanto que a real e profunda salvação estava no diabolizado Outro. Ousadamente Jung mostra a expectativa do "quaternio", (52) como os românticos sonharam a redenção de Satã, (53) como o "apokatastasis" está presente na própria tradição judaico-cristã e na gnose cristã dos alexandrinos... "anatematizados"...

A lição: integrar a Sombra Coletiva.

A pergunta: por que o cristianismo oriental — a Ortodoxia sempre foi relativamente mais sábia? Como acolheu exatamente a Gnose e a Sophia? (54)

Concluamos citando Jung:

"Imaginem um homem tão corajoso que foi capaz de recolher, sem exceção, todas suas projeções; verão um indivíduo que tomou consciência de uma sombra desmesuradamente densa e espessa. Tal homem terá arcado com novos problemas e novos conflitos. Tornou-se uma grande tarefa para si mesmo, porque doravante não poderá mais dizer que "eles" fazem isso ou aquilo, que "os outros" erram e que

é preciso combatê-los". Ele vive "no habitáculo da reflexão sobre si mesmo", do recolhimento interior. Tal homem saberá que todo o enviesado no mundo age também nele mesmo; se ele conseguir tratar como convém sua própria sombra, terá, enfim, realizado alguma coisa de verdadeiramente real para o mundo. Terá conseguido resolver, parte ainda que ínfima, dos gigantescos e insolúveis problemas de nossa época." (55)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DEVEREUX, Georges. *Ethnopsychanalyse complémentaire* (1940-1970). Paris, Flammarion, 1972. p. 13 seg.
2. CHARTIER, Roger. *Outillage mental*. In: *La nouvelle histoire* — J. Le Goff (dir.). Paris, Retz, 1978, p. 448 seg.
3. DEVEREUX, Georges. op. cit., p. 29 seg.
4. LE GOFF, Jacques. *Vers une anthropologie historique*. In: *Pour un outre Moyn-Age — Temps, travail et culture en Occident* (18 essais) — J. Le Goff. Paris, Gallimard, 1977.
5. PAULA CARVALHO, José Carlos. *Energia, símbolo e magia: para uma antropologia do Imaginário*. Tese de Doutorado (Antropologia Social). FFL CHUSP, 1985, mimeo. Conclusões e Perspectivas, p. 929 seg.
6. LE GOFF, Jacques. *Les marginaux dans l'Occident médiéval*. In: *Les marginaux et les exclus dans l'histoire — Cahiers Jussieu n.º 5*, Université de Paris 7. Paris, UGE/10-18, 1979. p. 19 seg.
7. VON FRANZ, Marie-Louise *Shadow and Evil in fairytales*. trad. U. Thomas. Spring Publ. Corp., University of Dallas, 1980.
 - BRIL, Jacques. *Lilith ou la Mère Obscure*. Paris, Payot, 1981.
 - CARO BAROJA, Julio. *Les sorcières et leur monde*. trad. M. A. Sarrailh. Paris, Gallimard, 1972.
 - CAVENDISH, Robert. *The powers of evil in western religion, magie and folk belief*. London, Routledge & K. Paul, 1975.
 - KAPPLER, Claude. *Monstres, démons et merveilles à pin du Moyen-Age*. Paris, Payot, 1980.
 - TEYSSEÈRE, Bernard. *Naissance du Diable: de Babylone aux grottes de La Mer Morte*. Paris, Albin Michel, 1985; idem. *le Diable et l'Enfer au temps de Jesus*. Paris, Albin Michel, 1985.
 - ELIADE, Mircea. *Méphistophélès et l'Androgyne*. Paris, Gallimard, 1962, p. 95-154.
8. CHAUI, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e ou*
— *Le Créateur et son "Ombre", in Briser le toit de la maison: la créativité et ses symboles*. M. Eliade. Gallimard, 1986, p. 111-141.

- tras falsas*. SP, Editora Moderna, 1984.
9. EN MARGE: *l'Occident et ses "autres"*. Paris, Aubier, 1978.
— JAULIN, Robert. *Gens du soi, gens de l'autre*. Paris, UGE 10/18, 1973.
 10. HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und Phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch Husserliana, Band III. Martinus Nijhoff-Haag, 1956.
 11. PAULA CARVALHO, José Carlos de. op. cit. vol. III p. I — 76 seg.
 12. SPERBER, Dan. *Le savoir des anthropologues: trois essais*. Paris, Hermann, 1982.
 13. RÓHEIM, Géza. *Psychanalyse et anthropologie: culture-personnalité inconscient*. trad. M. Moscovic. Paris, Gallimard, 1967.
 14. DEVEREUX, Georges. *Essais d'ethnopsychiatrie générale*. Paris, Gallimard, 1980.
 15. GODELIER, Maurice. *Rationalité et irrationalité en économie* (t.1). Paris, Maspéro, 1980, p. 18 seg.
— BASTIDE, Roger. *Anthropologie appliquée*. Paris, Payot, 1971, p. .. 188 seg.
 16. GODELIER, Maurice. *L'idéal et le matériel: pensée, économies, sociétés*. Paris, Fayard, 1984, p. 167 seg.
 17. GODELIER, Maurice. *Rationalité...* p. 29 seg.
— LÉVI-STRAUSS, Claude. Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss. In: *Sociologie et Anthropologie-Marcel Mauss*. Paris, PUF, 1968, p. XXV seg.
 18. MONNEROT, Jules. *Intelligence du politique: 1. l'Anti-Providence; 2. Introduction à la doxanalyse: Pareto, Freud*. Paris, Gautrier/Villars. 1977-78.
 19. GINZBURG, Carlo. *Le fromage et les vers: l'univers d'un meunier du XVI^e. siècle*. Trad. M. Aymard. Paris, Flammarion, 1980.
———. *Les batailles nocturnes: sorcellerie et rituels agraires aux XVI^e et XVII^e. siècles*. Trad. G. Charuty. Paris, Flammarion, 1984.
 20. DE MARTINO, Ernesto. *Magia e civiltà*. Milano, Garzanti Editore, 1962.
 21. VIDAL-NAQUET, Pierre. *La chasseur noir: formes de pensée et formes de société dans le monde grec*. Paris, La Découverte/Maspéro, 1983.
 22. Cf. ref. 16.
 23. FRAZER, James George. *Le bouc émissaire in Le Rameau d'Or* (t.3). Trad. P. Sayn. Paris, R. Laffont, Bouquins, 1983.
— GIRARD, René. *Le bouc émissaire*. Paris, Grasset, 1986.
— RADIN, Paul, JUNG, Carl Gustav, KERÉNYI, Karl. *Le fripon divin*. Trad. A. Reiss Georg Édit., Genève, 1958.
 24. VERÓN, Eliseo. *Condiciones de producción, modelos generativos y manifestación ideológica, in El proceso ideológico — E. Verón (org.)*. BA, Paidós, 1971, p. 251 seg.
 25. BASTIDE, Roger. Cf. ref. 15.
 26. DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'Imaginaire: introduction à l'archétypologie générale*. Paris, Bordas, 1969.

27. DEVEREUX, Georges. *Ethnopsychanalyse complémentariste...* p. 137 seg.
28. DURAND, Gilbert. op. cit., p. 506-507.
29. BALANDIER, Georges. *Imaginaire, religion et politique dans les cultures africaines*, in *Sociologie de la connaissance* — J. Duvignaud (org). Paris, Payot, 1983.
30. KAES, René. *L'idéologie, études psychanalytiques: mentalité de l'idéal et esprit de corps*. Paris, Dunod, 1980.
31. MAURON, Charles. *Des métaphores obsédantes au mythe personnel: introduction à la psychocritique*. Paris, Lib. J. Corti, 1962.
32. RUYER, Raymond. *L'animal, l'homme, la fonction symbolique*. Paris, Gallimard, 1964, p. 138 seg.
33. DEVEREUX, Georges. *Essais d'ethopsychiatrie générale...* p. 88 seg.; PAULA CARVALHO, José Carlos de. *Energia, símbolo e magia...* p. 853 seg. 871 seg.
34. DEVEREUX, Georges. *Ethnopsychanalyse complémentariste...* p. 37 seg.
35. PAULA CARVALHO, José Carlos de. *Energia, símbolo e magia...* p. 766 seg.; WOLFF, Toni. *Der psychologische Energiebegriff*, in *Studien zu C. G. Jung-T. Wolff*. Zürich, Rhein-Verlag, 1959.
36. DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'Imaginaire...* p. 38.
37. WOLFF, Toni, op. cit., sup.
38. DURAND, Gilbert. *Le regard de Psyche: de la mythanalyse à la mythologie*, in *L'âme tigrée, les pluriles de Psyche*. Paris, Denoel, 1980.
- BASTIDE, Roger. *Mythologie*, in *Ethonologie générale - J. Poirier* (dir.). Paris, Gallimard-Pléiade, 1968.
39. DEVEREUX, Georges. *Ethnopsychanalyse complémentariste...* p. 63 seg.
40. ISAACS, Susan. *Nature et fonction du phantasme*, in *Développements de la psychanalyse* — M. Klein et alii. Trad. W. Baranger. Paris, PUF, 1966.
- LACAN, Jaques. *Écrits*. Paris, Seuil, 1966, p. 369-399.
41. PAULA CARVALHO, José Carlos de. *A abordagem da antropologia profunda sobre a dissidência religiosa: imaginários e transgressões da cristandade ocidental*. Texto-base do Grupo Religião e Sociedade, apresentado na ANPOCS-1986, out. Campos do Jordão (no prelo in *Revista Reflexão/PUC/Camp*).
42. PAULA CARVALHO, José Carlos de. op. cit., item 2.1. Sobre a problemática ortodoxia/heresia.
43. COLLOQUE de Royaumont. *Hérésies et Sociétés dans l'Europe pré-industrielle 11-18è. siècles*. — J Le Goff (org.) — Paris-La Haye, Mouton, 1968.
44. Cf. ref. 35.

45. PÉTREMENT, Simone de. *Le dualisme dans l'histoire de la philosophie et de la religion*. Paris, Galimard, 1946.
- DURAND, Gilbert. *Dualisme et Drame: des Winnebago à V. Hugo, in L'âme tigrée*.
46. DURAND, Gilbert. Défiguration philosophique et figure traditionnelle de l'Homme en Occident: préface à une antihistoire de l'antiphilosophie. In: *Eranos Jahrbuch 1969*, (Sinn und Wandlungen des Menschenbildes). Zürich Rhein-Verlag, 1972, p. 89 seg., (retomado em *Science de l'Homme et Tradition: le "nouvel esprit anthropologique" — G. Durand*. Paris, Berg International, 1979, p. 37 seg).
47. MORIN, Edgar. *Science avec conscience*. Paris, Fayard, 1982.
48. PAULA CARVALHO, José Carlos de. *Energia, símbolo e magia...* p. 486 seg.
49. DE MARTINO, Ernesto. *Magia e civiltà*. Milano, A. Garzanti Edit. 1962.
50. PAULA CARVALHO, José Carlos de. op. cit. sup. p. 363 seg.
51. SIRONNEAU, Jean-Pierre. *Sécularisation et religions politiques*. La Haye. Mouton, 1982.
52. JUNG, Carl Gustav. Aion; In *Collected Works*, 9, II — trad. R. F. C. Hull — NY, Princeton University Press, 1959, p. 36 seg., p. 222 seg.
53. CELLIER Léon. *L'épopée humanitaire et les grands mythes romantiques*. Paris, SEDES, 1971, p. 275 seg.
54. CAHIERS de l'Université Saint Jean de Jérusalem (n.º 6): Le combat pour l'âme du monde, l'urgence de la sophiologie. Paris, Berg International, 1980.
- CAHIERS de l'hermétisme. *Sophia et l'âme du monde*. Paris, Albin Michel, 1983.
- BOULGAKOV, Père Serge. *La Sagesse de Dieu — trad. C. Andronikoff*. Lausanne, L'Âge d'Homme, 1983.
55. JUNG, Carl Gustav. *L'âme et la vie — trad. R. Cahen et Y. Le Lay*. Paris, Buchet-Chastel, 1963, p. 319-320.